

Fredric Wertham e o Macarthismo: uma peça no tabuleiro

Rodrigo Otávio dos Santos¹
ORCID: 0000-0001-5050-1637

Desiré Dominschek²
ORCID: 0000-0001-9678-4230

Resumo: Esta pesquisa apresenta a problematização sobre Fredric Wertham, psiquiatra nascido em 1895 e que teve grande relação com a censura dos quadrinhos nos Estados Unidos durante a década de 1950, e sobre sua relação com o macarthismo, política estadunidense que, no mesmo período da atuação de Wertham, provocou “caça às bruxas” que visava extinguir um suposto comunismo dentro das fronteiras norte-americanas. O artigo contempla a pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, de abordagem qualitativa, conforme Moreira e Caleffe (2008). Consideramos como elemento de conclusão que o macarthismo foi danoso à sociedade norte-americana, ao mesmo tempo que as ideias e o livro de Fredric Wertham. Entretanto, nem um nem outro conseguiram levar à cabo suas intenções. O macarthismo foi rapidamente percebido como um exagero, ao mesmo tempo que Wertham não conseguiu acabar com os quadrinhos de super-heróis, que prosperaram a partir de uma censura forçada pelo próprio psiquiatra.

Palavras-chave: História em Quadrinhos. Macarthismo. Fredric Wertham.

¹ Pós-Doutor em Tecnologia e Sociedade. Doutor em História. Mestre em Tecnologia. Graduado em História. Professor do PPGENT/Uninter. E-mail: rodrigoscama@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0668156094746596>

² Pós-doutorado em Educação na área de Concentração: Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Educação(UNICAMP) pela mesma linha de concentração é pesquisadora do Grupo História, Sociedade e Educação no Brasil; (HISTEDBR-UNICAMP). Mestre em Educação na área de concentração: História e Historiografia da Educação, pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).Especialista em Organização do Trabalho Pedagógico e Ciência Política pela (UFPR); graduada em pedagogia pela mesma instituição. Docente na UNINTER, nos cursos de licenciatura e no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Mestrado e Doutorado - Profissional: Educação e Novas Tecnologias (PPGENT). Tem experiência na área de Fundamentos da educação : História da Educação e políticas educacionais, Líder do Grupo de Pesquisa no Cnpq -GHESP História Educação sociedade e política com pesquisas ligadas aos seguintes temas : história das instituições escolares e não escolares, história do ensino profissional, pesquisa educacional ,trabalho do pedagogo e formação de professores. Atualmente coordena o setor de Pesquisa e publicações acadêmicas e o Comitê de Ética da UNINTER, também é coordenadora Institucional do Programa de Iniciação a docência da UNINTER .Pertence as seguintes associações acadêmicas e científicas : Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE ,Associação Nacional de História - ANPUH, Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação - ANPED, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC e Sociedade Brasileira de História da Ciência - SBHC e Associação Nacional de editores Científicos –ABEC. E-mail: desire.d@uninter.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4213741176696528>

Abstract: This research presents the problematization of Fredric Wertham, a psychiatrist born in 1895 and who had a great relationship with the censorship of comics in the United States during the 1950s, and his relationship with McCarthyism, an American politician who in the same period of Wertham's performance, provoked a "witch hunt" that aimed to extinguish a supposed communism within the North American borders. The article contemplates the bibliographic research, of the exploratory type, of qualitative approach, as highlighted by Moreira and Caleffe (2008). We consider as an element of conclusion that McCarthyism was harmful to American society, at the same time as the ideas and book of Fredric Wertham. However, neither one nor the other managed to carry out their intentions. McCarthyism was quickly perceived as an exaggeration at the same time that Wertham was unable to end superhero comics, which thrived on forced censorship by the psychiatrist himself.

174

Keywords: Comics. McCarthyism. Fredric Wertham.

Resumen: Esta investigación presenta una discusión sobre Fredric Wertham, psiquiatra nacido en 1895 y estrechamente involucrado en la censura del cómic en Estados Unidos durante la década de 1950, y su relación con el macartismo, una política estadounidense que, durante el mismo período que las actividades de Wertham, desencadenó una “cacería de brujas” destinada a erradicar el supuesto comunismo dentro de las fronteras norteamericanas. El artículo incorpora una investigación bibliográfica exploratoria con un enfoque cualitativo, según lo descrito por Moreira y Caleffé (2008). Concluimos que el macartismo fue perjudicial para la sociedad norteamericana, al igual que las ideas y los libros de Fredric Wertham. Sin embargo, ninguno de los dos logró sus objetivos. El macartismo fue rápidamente percibido como una exageración, mientras que Wertham no logró eliminar los cómics de superhéroes, que prosperaron gracias a la censura impuesta por el propio psiquiatra.

175

Palabras Clave: Cómics. Macartismo. Fredric Wertham.

Introdução

Este ensaio problematiza Fredric Wertham, psiquiatra nascido em 1895 e que teve grande relação com a censura dos quadrinhos nos Estados Unidos durante a década de 1950, e sua relação com o macarthismo, política estadunidense que, no mesmo período da atuação de Wertham, provocou uma “caça às bruxas” que visava extinguir um suposto comunismo dentro das fronteiras norte-americanas. Para levarmos à cabo tal artigo, nos valem de pesquisa bibliográfica, do tipo exploratória, de abordagem qualitativa, como nos explicam Moreira e Caleffe (2008).

Macarthismo

O movimento macarthista foi muito importante para a nação norte-americana em sua reconfiguração do pós-guerra. A cultura estadunidense depois da Segunda Grande Guerra desenvolve um caráter expansionista que até então não parecia estar tão desenvolvido. Mais do que isso, como boa parte das nações continentais que buscam a supremacia global, desenvolveu também uma relação de temor em relação às ações de outras nações, e, naquele momento, principalmente à União Soviética, inimigo forjado nos espólios da Segunda Guerra.

Durante muito tempo, como explica Fichou (1990, p. 123) os norte-americanos se sentiram seguros pois estavam “ao abrigo de qualquer ingerência estrangeira, já que eram protegidos por dois oceanos (Two Ocean Concept).” Até a invasão de Pearl Harbour, em 7 de dezembro de 1941, nunca os habitantes daquele país haviam visto a guerra chegar a eles. Até aquele momento, as batalhas sempre se deram longe, fora das suas fronteiras protegidas pelos dois oceanos.

Mas não é porque os maiores confrontos estivessem longe que a nação estadunidense era pacífica. Fichou (1990) chega a afirmar que o belicismo é uma das maiores características daquele povo. Basta ver o fascínio que a nação desenvolveu pelas armas de fogo e tal característica fica escancarada ao observador. Mais do que isso, no imaginário do cidadão médio norte-americano, sempre existe e sempre existiu um inimigo à espreita. Este inimigo já havia sido os japoneses, os alemães e até mesmo os povos nativos. No momento a que se refere este artigo, era a União Soviética e seu temido comunismo.

Precisamos lembrar, com a ajuda de Hobsbawm (1995), que a escalada de países do bloco socialista, liderados pela União das Repúblicas Socialistas

Soviéticas, começou a surgir de forma mais contundente com o final da Guerra, a partir de 1946. Com isso, os polos de poder do planeta se modificam, uma vez que boa parte dos países da Europa estavam arrasados ao final da Segunda Grande Guerra. Alemanha, Inglaterra, França ou Itália, grandes colonizadores do passado e principais potências bélicas até então, estavam em frangalhos, e com dificuldades para se reconstruir. Assim, de um lado do Oceano Pacífico estavam os Estados Unidos, e de outro, a União Soviética.

Com a impossibilidade de guerrear de fato, haja vista a possibilidade de destruição total do mundo, as potências se dedicaram a uma guerra retórica, por meio de discursos e peças publicitárias, nos quais podemos citar os filmes cinematográficos, as canções, a literatura e, também, as histórias em quadrinhos. Arbex Jr (1997) afirma que por todo o tempo que esta guerra permeou a sociedade, o mundo não foi realmente bombardeado por mísseis, mas sim por textos e imagens que tentavam mostrar que o lado inimigo estava errado e que seus pobres habitantes estavam sofrendo graças à ganância de seus líderes.

No afã de explicitar o perigo e provocar o temor nos habitantes em relação às ações dos inimigos, vários excessos foram cometidos e, entre eles, talvez o de maior repercussão tenha sido aquilo que ficou conhecido como macarthismo.

177

Ferreira (1989) explica que o macarthismo é um movimento anticomunista que se alastrou pelos Estados Unidos por volta da década de 1950 e trouxe diversas consequências para a sociedade norte-americana. Como destaca Bianchi (2015), seu início se dá provavelmente em 1948, quando Whittaker Chambers, ex-editor da prestigiosa revista *Time*, publica um artigo no qual afirma existir uma célula comunista agindo dentro do sistema norte-americano, sobremaneira em altos escalões governamentais.

Tais declarações ao longo do tempo se mostraram falsas, mas a simples possibilidade da existência de comunistas agindo impunemente dentro dos EUA munuiu o então senador Joseph McCarthy de credibilidade para iniciar uma perseguição àqueles que ele e seus pares julgavam traidores da pátria e do estilo de vida norte-americano (SANTOS, 2019). Junto ao senador, inúmeros políticos e intelectuais o apoiavam com a premissa de que o macarthismo era uma, senão a maior, arma norte-americana contra a invasão comunista dentro dos próprios Estados Unidos.

Os macarthistas, então, começam a acusar pessoas e empresas que aos seus olhos teriam ideais comunistas ou de alguma forma estariam preservando e

propagando ideias lançadas pelo regime socialista (FERREIRA, 1989). Tal qual outros regimes ditatoriais e paranoicos, essa “caça às bruxas” norte-americana incitava pessoas a denunciar pessoas ou empresas próximas à si. Para tanto, não era necessária a existência de provas ou qualquer outro tipo de amostra da irregularidade. Bastava ter convicção.

Nesta jornada paranoica, diversos serviços norte-americanos se mostraram extremamente ativos, como a alfândega ou os correios do país, que chegavam a violar e interceptar correspondências e encomendas que, aos seus olhos, poderiam ser suspeitas. Mais do que isso, entidades de classe, como a dos advogados e dos médicos norte-americanos aderiram de tal forma ao programa que chegaram a mudar seu juramento, prometendo lealdade aos EUA durante o exercício de sua profissão. Livros didáticos sofriam diversas intervenções, divulgando e propagando ideais macarthistas, aumentando a onda anticomunista no país e engajando os Estados Unidos da América em uma gigantesca paranoia que ainda encontra ecos não apenas nos EUA, como em todos os países culturalmente submissos, como é o caso do Brasil (SANTOS, 2019)

Podemos declarar então que a maior nação do mundo àquele momento vivia sob uma ameaça – ainda que irreal na maioria dos casos – constante de um avanço comunista. Vem desta época a ideia de que comunistas comem criancinhas ou são vilões que desejam acabar com o mundo, criando e executando as maiores atrocidades possíveis. Para perceber como isso foi importante na cultura norte-americana, basta perceber os inimigos, vilões e ameaças na literatura, no cinema e, claro, nas histórias em quadrinhos. Fossem os cômicos Irmãos Metralha, criados por Carl Barks no início da década de 1950 (ANDRAE, 2017), fossem grande parte dos inimigos do Spirit de Will Eisner ou de Rip Kirby (Nick Holmes), de Alex Raymond, a paranoia estava instalada e parecia não arrefecer.

Entretanto, nos próprios Estados Unidos, principalmente por meio da indústria cinematográfica (TANAKA, 2016), muitas foram as resistências encontradas por essa forma de censura. Cineastas e demais trabalhadores da indústria cinematográfica se mobilizaram contra essa censura, principalmente porque a maior parte das pessoas acusadas sequer conseguiria prever as reações paranoicas dos censores capitaneados pelo senador McCarthy. Além disso, parte dos intelectuais do país e até da população comum perceberam o exagero nas atitudes asdescreveram como censura antidemocrática.

Com isso, o próprio senador Joseph McCarthy acabou por exagerar em sua exposição e caiu em descrédito, principalmente após 1955, com a acusação de censura, coisa supostamente jamais vista nos EUA (BIANCHI, 2015). Pouco tempo depois, provavelmente originada pelo alcoolismo, uma hepatite fortíssima ceifou a vida do senador e censor.

O macarthismo, então, foi arrefecendo, ainda que nunca tenha completamente saído nem dos Estados Unidos, que muitos anos depois elegeram Ronald Reagan e sua política anticomunista e, recentemente, elegeram Donald Trump com o mesmo discurso, e nem dos países subalternos, como pudemos perceber nas recentes eleições argentinas, peruanas e brasileiras.

É importante destacar que este movimento, ainda que liderado pelo senador McCarthy, foi muito importante para alavancar carreiras nas mais diversas áreas, sobretudo as culturais, nas quais a subjetividade é mais aceita e, portanto, a interpretação pode ser manipulada para o incremento de capital político ou dividendos, como fez o psiquiatra Fredric Wertham.

Fredric Wertham

179

Nascido Friedrich Ignatz Wertheimer na Alemanha em 1895, aquele que foi tido como o maior perseguidor das histórias em quadrinhos dos Estados Unidos viu sua família ser devastada na Primeira Guerra Mundial, o que provocou sérios abalos em sua forma de ver o mundo, principalmente no que cabia à violência. O psiquiatra nunca conseguiu aceitar a violência como uma essência do ser humano, e ficava buscando razões para sua manifestação ou explosão (JONES, 2006). Ao se mudar para os Estados Unidos em 1922, transformou seu nome para Fredric Wertham, algo mais palatável aos ouvidos estadunidenses, entretanto, nunca se compreendeu como cidadão norte-americano, principalmente por não entender de forma nativa a cultura norte-americana, e em especial a questão da indústria cultural que Adorno (2002) alguns anos mais tarde desenvolveria com primor.

O encontro com o jovem Theodor Adorno se deu durante a década de 1930, e os dois personagens tinham em comum, além do fato de serem alemães, um profundo desprezo pelas obras da cultura de massa. Além disso, ambos eram àquele momento fugitivos do nazismo, e Adorno já era conhecido nos meios intelectuais como um crítico à massificação da cultura. Uma das principais

ideias de Adorno, de que produtos da indústria cultural afetavam o cotidiano das populações, fazendo-as tomar esta ou aquela direção, em muito contribuiu para um olhar mais crítico da parte de Wertham acerca deste tipo de produto.

O psiquiatra alemão já desde a década de 1930 havia se firmado como um dos principais psiquiatras forenses da cidade de Nova York (JONES, 2006), e preferia os casos mais sensacionalistas, com maior violência e apelo público, já demonstrando que Wertham, apesar de crítico, gostava dos holofotes da grande mídia.

Mais do que gostar, Wertham aprendeu a entender a mídia, e saber o que mexia com corações e mentes naquele grande país no qual estava fazendo sua vida. De uma forma que podemos categorizar como ingênua neste século XXI, o psiquiatra acreditava que, como os produtos de massa são produtos fabris, mecanicistas, sua influência nas populações se daria da mesma forma. Portanto, do ponto de vista de Wertham, a violência explicitada em um meio de massa seria capaz de deflagrar uma violência real, em uma espiral crescente.

Este personagem, de viés conservador e pacifista, como boa parte dos alemães radicados nos EUA, criou ainda em 1930 a primeira clínica de exame psiquiátrico para réus dos Estados Unidos. Alguns anos mais tarde, com o apoio de ativistas de direitos humanos, criou uma clínica psiquiátrica gratuita no bairro mais pobre da cidade, o Harlem (JONES, 2006, p. 297). Foi nessa clínica que Wertham começou, segundo ele, a perceber a relação entre as revistas de histórias em quadrinhos e a violência juvenil (WERTHAM, 1954).

As histórias em quadrinhos nos EUA entre 1948 e 1954

As histórias em quadrinhos nos EUA no final dos anos 1940 e início dos anos 50 sofriam com o final da Segunda Guerra Mundial. Se, durante o conflito, heróis mascarados que defendiam o *American Way of Life* eram o que as crianças queriam ler, o mesmo já não acontecia a partir de 1945. A editora de quadrinhos que mais rapidamente percebeu essa tendência foi a Entertaining Comics, mais conhecida como EC Comics. De propriedade de Wiliam (Bill) Gaines, a empresa fornecia ao mercado histórias em quadrinhos de ficção científica, terror e crime. Ainda que supostamente fossem direcionadas ao público adulto, quem realmente comprava essas revistas e consumia tais quadrinhos eram as crianças e os adolescentes (SILVA, 2011). A editora recrutou, ao longo dos anos 1940, alguns dos melhores

profissionais da área dos quadrinhos, como Harvey Kurtzmann, Al Feldstein, Wally Wood, Gene Colan, Joe Kubert, Frank Frazetta, entre muitos outros. No início dos anos 1950, era uma das editoras que mais vendia quadrinhos nos EUA, e seus títulos mais rentáveis, como *Two-Fisted Tales*, *Crime Suspense Stories* ou *Tales from the Crypt*, rivalizavam com as vendas de *Superman* e *Captain Marvel*, os dois títulos de superseres mais vendidos naquele momento.

Os quadrinhos de super-heróis, porém, passaram por um certo declínio quando a Guerra acabou, e muitas editoras menores chegaram a fechar suas portas. A maior delas, a DC Comics, de propriedade de Harry Donenfeld e Jack Liebowitz, tinha no Superman sua maior fonte de renda e, como aponta Campos (2022), o licenciamento. Mais do que histórias em quadrinhos, a DC Comics se preocupava com outras formas de ganhar dinheiro com propriedades intelectuais tão importantes quanto Superman, Batman ou Mulher-Maravilha. Entretanto, para se ganhar dinheiro com venda de produtos e merchandising, era necessário que os quadrinhos estivessem nas mãos da maior quantidade possível de leitores.

Com esse panorama desenhado, a EC Comics começou a apostar cada vez mais em experiências capazes de chocar os leitores, colocando questões impensáveis para a época, como a violência extrema, racismo, intolerância política, uso de drogas, entre outras tantas atrocidades (HIRSCH, 2021, p. 76). E quanto mais elevavam o nível das atrocidades, mais as pessoas compravam.

É interessante destacar que as atrocidades cometidas eram tão brutais, escatológicas e inverossímeis que facilmente poderiam ser lidas como comédia. E certamente foi com essa chave de leitura que muitos dos leitores maduros liam estas obras. Mas não era assim que Wertham as lia.

Com a chegada às bancas da prestigiosa revista *Collier's* em 27 de março de 1948, o psiquiatra começou sua cruzada contra as histórias em quadrinhos, coincidindo com o início também da cruzada do senador McCarthy, como já vimos. Na revista havia uma entrevista, intitulada “horror no berçário”, na qual o Wertham afirmava que as revistas em quadrinhos eram a mais perniciosa forma de corrupção das almas das crianças e jovens dos EUA. No final da entrevista, a repórter Judith Crist ainda lembra os leitores que no mês seguinte haveria um simpósio intitulado “A psicopatologia das revistas em quadrinhos”, no qual o psiquiatra iria debater ainda mais sobre esse tema tão complexo e de tamanha relevância para o público (CRIST; WERTHAM, 1948).

O argumento de que as histórias em quadrinhos eram danosas aos jovens norte-americanos sempre permeou o tecido social na América do Norte. O próprio Marshall McLuhan já havia criticado o meio alguns anos antes (CAMPOS, 2022), bem como autoridades eclesásticas e professores preocupados. Mas nenhum teórico ou ativista foi mais incisivo do que Wertham, que, graças à sua clínica, poderia coletar casos que confirmavam a periculosidade desse meio comunicacional. Além disso, Wertham estava lidando com uma nação muito mais paranoica, assombrada pela ameaça do comunismo insistentemente denunciada por Joseph McCarthy e seus correligionários.

Ainda que os casos tenham em grande medida sido forjados ou exagerados, como já explicou Tilley (2012) em seu artigo, o fato é que mexeram com o imaginário estadunidense, e o psiquiatra foi ganhando mais notoriedade. Ainda em 1948, cerca de dois meses depois do simpósio, Wertham publicou um artigo no jornal *The Sunday Review*, novamente reafirmando sua preocupação com os jovens americanos. Segundo ele, toda criança ou jovem que passava pela sua clínica e que havia cometido alguma violência grave era leitora de histórias em quadrinhos. Este fato muito provavelmente é verdadeiro, uma vez que, como comenta Leick (2019, p. 32), naquele momento, pré-televisão, as histórias em quadrinhos eram a principal forma de entretenimento infantil e cerca de 90% dos estadunidenses em idade escolar as liam.

182

É interessante destacar que Wertham se preocupava principalmente com revistas em quadrinhos de super-heróis. Não sem alguma coerência, o psiquiatra afirmava que a saída para todos os problemas nas histórias em quadrinhos de super-heróis vinha por meio da violência, e que tomar para o indivíduo a responsabilidade de espancar um sujeito porque cometeu um crime, passando ao largo do estado democrático de direito, era uma atitude que mais se assemelhava aos fascistas do que propriamente uma força motivada pelo bem. Para ele, histórias onde tudo se resolve na base da violência poderia fazer com que a sociedade pensasse que a justiça feita pelas próprias mãos fosse uma boa ideia. O psiquiatra dizia que a perniciosidade do Superman e seus colegas estava no ensinamento de que a violência é a saída para os problemas. Wertham, alguns anos mais tarde, chegou a cunhar o termo “Superman Complex”, para descrever “fantasias de prazer sádico em ver outras pessoas sendo punidas várias e várias vezes enquanto você fica imune” (CAMPOS, 2022, p. 34). Para Legman

os quadrinhos policiais são criticados pela óbvia insinceridade de suas advertências na última página contra o crime e a favor da lei da ordem. O Superman inverte a fórmula: ali o crime surge como algo fato consumado, então o super-herói dedica as 30 páginas seguintes vingando-se violentamente. A miserável filosofia da “justiça encapuzada” não se distingue em nada daquela de Hitler ou da Ku Klux Klan. (apud CAMPOS, 2022, p. 146)

Como se pode perceber, o grande alvo de Wertham eram os quadrinhos de super-heróis. Para o psiquiatra, a influência de Batman, Mulher-Maravilha e outros superseres como eles, eram até mais danosos do que as histórias de terror ou as policiais, já que os superseres legitimam a violência, apresentando-a como algo limpo, desejável, bonito e até luminar para a sociedade. A violência nesses quadrinhos é a panaceia, algo potencialmente muito danoso à sociedade.

Entretanto, como veremos adiante, não apenas as histórias de homens que fazem justiça com suas próprias mãos saíram fortalecidas do embate com o psiquiatra, como a principal editora de super-heróis conseguiu praticamente dizimar seus concorrentes.

Em 26 de outubro ainda de 1948, segundo Hirsch (2021), na cidade de Spencer, West Virginia, histórias em quadrinhos foram queimadas em praça pública, fato que não foi isolado, uma vez que em vários lugares do país este tipo de atitude também foi tomada. Em algumas cidades, como Oklahoma City, no estado de Oklahoma ou Houston, no Texas, quadrinhos de crime e terror foram banidos e tiveram sua proibição decretada.

A perseguição aos quadrinhos não era sequer um problema interno dos EUA, sendo que em diversos lugares do mundo sua existência foi criticada. Vários países da Europa, como a Itália ou a Inglaterra, chegaram a ter movimentos contra os quadrinhos. Até mesmo no Brasil diversas forças se mobilizaram, no pós-guerra, para a erradicação deste tipo de meio de comunicação, como muito bem pontua Gonçalo Junior em sua obra *A Guerra dos Gibis* (JUNIOR, 2004). A diferença nos EUA foi a paranoia macarthista, que incendiava pais e professores mais do que na maioria dos países.

Sentindo a perseguição, publicitários tentaram criar uma espécie de código de ética similar ao chamado Hays Code, ou seja, o código de produção de filmes hollywoodianos daquele mesmo período no qual o macarthismo se tornava tão presente nos estúdios cinematográficos que qualquer pessoa poderia ser acusada

de comunista (PRZYWALNY, 2014, p. 76). Este código, entretanto, não foi aceito pelas editoras, que seguiram criando histórias sem se preocupar muito com sua repercussão em um país cada vez mais paranoico.

Em 1952 um senador norte-americano chamado Estes Kefauver estava ganhando certa notoriedade com um discurso conservador e alarmista, muito calcado na paranoia macarthista (JONES, 2006, p. 331). Quando percebeu que poderia ter estofo para concorrer às primárias para a eleição presidencial norte-americana, decidiu que precisava de uma plataforma nova para continuar a ser relevante para o público eleitor, e optou pelo tema da delinquência juvenil, assunto muito falado nos jornais do período, preocupando a sociedade estadunidense.

Um ano depois, o senador Robert Hendrickson criou a United States Senate Subcommittee on Juvenile Delinquency, ou Subcomissão do Senado dos Estados Unidos sobre a Delinquência Juvenil, com a proposta de entender as razões e os rumos que a delinquência juvenil estaria tomando nos Estados Unidos. Para a presidência deste comitê, foi instituído Estes Kefauver (LEICK, 2019, p. 273). Estes Kefauver, como já dissemos, queria visibilidade suficiente para ser candidato ao posto mais alto dos Estados Unidos, e, prevendo a repercussão midiática, chamou Wertham para ser o conselheiro psiquiátrico dessa comissão parlamentar.

184

A comissão se reuniu em abril e junho de 1954, de acordo com Nyberg (2009, p. 59), e serviu para que Wertham contasse ao público ali presente o que havia acabado de escrever em seu livro, que se chamaria *Seduction of the Innocent*, insuflando ainda mais a paranoia norte-americana acerca da violência juvenil e sua relação com as histórias em quadrinhos (HIRSCH, 2021).

O livro escrito por Wertham trazia inúmeros casos que associavam as histórias em quadrinhos à violência juvenil, majoritariamente se valendo de exemplos oriundos de quadrinhos de superseres, como Superman, Batman ou Mulher-Maravilha. Em suas páginas, o leitor era convencido de que Batman e Robin formavam um casal homoerótico e ao mesmo tempo pedófilo, haja vista que o Menino-prodígio tinha apenas 8 anos nas histórias. Também dizia que, como o Superman pode voar, induzia crianças a pularem das janelas dos prédios em que moravam. Outra acusação era a de que meninas virariam lésbicas ao lerem as páginas da Mulher-Maravilha, uma mulher que se comportava como homem e que, portanto, desejaria outras mulheres. Além disso, se aproveitava de histórias obscuras, produzidas por autores e editoras obscuros que mostravam carnificinas,

mortes perpetradas por crianças e atrocidades das mais diversas, como o caso de uma menina de 10 anos que se prostituía e Wertham atribuiu essa prática aos quadrinhos de crime.

Com capítulos com títulos agressivos como “eu quero ser um maníaco sexual”, “aliados do demônio” ou “homicídio em casa”, má-fé e distorções foram comuns no livro de Wertham. Como aponta Tilley (2012), além das interpretações toscas, como a conclusão de que Batman e Robin dormiam na mesma cama por conta de uma impressão mal feita do quadrinho, ou a ideia de que uma mulher não pode ser forte, eram combinadas com pesquisas forjadas. A partir de anotações originais do próprio Wertham e de alguns de seus companheiros no centro psiquiátrico, Tilley (2012) nos apresenta evidências de distorções que não poderiam ter sido feitas meramente por descuido ou má interpretação. O que existe no livro *Seduction of the innocent* é, em muitos casos, má-fé. O psiquiatra tinha um ponto que queria defender e, em nome desse ponto, simplesmente passou por cima de todas as normas éticas da pesquisa acadêmica e, mais grave, por cima da verdade que se apresentava aos seus olhos. De qualquer forma, o conteúdo do livro foi vociferado em alto e bom tom no senado americano.

185

Muito provavelmente, como argumenta Jones (2006), a investigação teria dado em nada, bastando para isso que as editoras recuassem um pouco e não entrassem em um embate público, mesmo porque o *modus operandi* de forças repressoras paranoicas é justamente o embate público, onde o medo pode ser mais facilmente incutido na mente das pessoas.

Bill Gaines, entretanto, não resistiu e foi à tribuna defender sua editora e seus quadrinhos de terror e crime. O comitê mostrou a Gaines e às câmeras inúmeras imagens escatológicas oriundas das páginas e das capas das revistas da EC Comics, e o editor as defendeu, chegando inclusive a declarar que, para uma história de terror, a capa com uma cabeça decepada era de bom gosto (JONES, 2006, p. 339).

Isso foi o suficiente para a opinião pública ficar definitivamente contra as histórias em quadrinhos e o livro de Wertham ser alçado à condição de *best-seller*.

As demais editoras, em uma manobra rápida, desenvolveram então um código de ética, que deveria ser estampado na capa de todos os quadrinhos que poderiam ser considerados “próprios” para o consumo de crianças e adolescentes norte-americanos. Em um país paranoico, com medo da violência que era bradada

aos quatro ventos pelo senador McCarthy, o código, que foi promulgado em 26 de outubro de 1954, continha as seguintes regras:

- Os crimes nunca devem ser apresentados de forma a criar simpatia pelo criminoso, promover a desconfiança das forças da lei e da justiça ou inspirar outros com o desejo de imitar os criminosos.
- Se o crime for retratado, será uma atividade sórdida e desagradável.
- Policiais, juízes, funcionários do governo e instituições respeitadas nunca devem ser apresentados de forma a criar desrespeito à autoridade estabelecida.
- Os criminosos não devem ser apresentados de forma a serem glamourosos ou ocupar uma posição que crie um desejo de emulação.
- Em todos os casos, o bem triunfará sobre o mal e o criminoso será punido por seus erros.
- Cenas de violência excessiva serão proibidas. Cenas de tortura brutal, uso excessivo de facas ou armas de fogo, tiroteios, agonia física, crimes sangrentos e horríveis devem ser eliminados.
- Nenhuma revista em quadrinhos deve usar as palavras “horror” ou “terror” em seu título.
- Todas as cenas de horror, derramamento de sangue excessivo, crimes sangrentos ou horríveis, depravação, luxúria, sadismo, masoquismo não serão permitidas.
- Todas as ilustrações sinistras, repugnantes e horripilantes devem ser eliminadas.
- A inclusão de histórias que tratam do mal deve ser usada ou publicada apenas quando a intenção é ilustrar uma questão moral e em nenhum caso o mal deve ser apresentado de forma sedutora, nem de modo a ferir a sensibilidade do leitor.
- Cenas ou instrumentos relacionados a mortos-vivos, tortura, vampiros e vampirismo, fantasmas, canibalismo e lobisomem são proibidos.
- Profanação, obscenidade, vulgaridade ou palavras ou símbolos que adquiriram significados indesejáveis são proibidos.
- A nudez em qualquer forma é proibida, assim como a exposição indecente ou indevida.

- Ilustrações sugestivas e obscenas ou postura sugestiva são inaceitáveis.
- As mulheres devem ser desenhadas de forma realista, sem exagero de quaisquer qualidades físicas.
- As relações sexuais ilícitas não devem ser insinuadas nem retratadas. Cenas de estupro, bem como anormalidades sexuais, são inaceitáveis.
- Sedução e estupro nunca devem ser mostrados ou sugeridos.
- A perversão sexual ou qualquer inferência à mesma é estritamente proibida. A nudez com propósito de meretrício e posturas lascivas não será permitida na propaganda de qualquer produto; figuras vestidas nunca devem ser apresentadas de forma ofensiva ou contrária ao bom gosto ou à moral (COMICS MAGAZINE ASSOCIATION OF AMERICA, 1954)

Como se pode perceber pelo código acima, Wertham não saiu vitorioso. Sua maior preocupação, os super-heróis que faziam justiça com as próprias mãos, sequer foram citados.

O que aconteceu, como nos conta Campos (2022), é que a maior editora da época, a DC Comics, detentora dos direitos de Batman, Superman e Mulher-Maravilha, junto com a Archie Comics, segunda maior vendedora de revistas em quadrinhos do país, perceberam que a EC Comics estava vendendo quadrinhos demais e tirando mercado não apenas das histórias em quadrinhos, mas também da parte de licenciamentos. Afinal, se ninguém lê o quadrinho do super-herói, ele não vai vender lancheiras, cadernos e camisetas.

Neste processo, a EC Comics praticamente faliu, resistindo apenas por conta da revista *Mad*, capitaneada por Harvey Kurtzman. Com a higienização dos quadrinhos por meio do código de ética, revistas como *Two-Fisted Tales*, *Crime SuspenStories* ou *Tales from the Crypt*, maiores vendedoras da EC, sequer eram aceitas para serem vendidas, e tiveram que ser retiradas completamente do mercado.

Algo similar aconteceu com os quadrinhos de romance lidos majoritariamente por mulheres. As histórias, que depois do código não podiam mais ter qualquer menção à sedução ou à sexualidade, simplesmente não tinham mais apelo. Foram tão higienizadas que não havia mais interesse por parte das leitoras (CAMPOS, 2022).

As vendas dos quadrinhos em geral despencaram para menos da metade em poucos meses. Entretanto, as revistas que eram vendidas eram majoritariamente

das grandes editoras. Se inúmeras pequenas editoras que faziam quadrinhos de crime, terror ou românticos acabaram tendo que fechar as portas, a DC Comics, dona dos super-heróis e principal alvo de Wertham, dobrou seus lucros.

O que aconteceu ao fim e ao cabo foi que a DC Comics promoveu uma reorganização de mercado, retirando sua principal concorrente das bancas de jornais. Foi, como explicita Campos (2022), a vitória do quadrinho industrial, dos personagens que não podem morrer porque são grandes produtos de vendas, das histórias insossas que são vendidas apenas para adolescentes com pouca criticidade e dos profissionais de quadrinhos tratados como operários.

Wertham escreveu inúmeros protestos ao código, se manifestando contrário ao obscurantismo da proposta ao mesmo tempo que reclamava da não regulação dos super-heróis. É interessante destacar como, tanto no livro *Seduction of the innocent* quanto nas suas falas no senado, o psiquiatra nunca utilizou exemplos da EC Comics. Tampouco usou exemplos de quadrinhos românticos. E estes foram os que sofreram com o código.

Para piorar, como aponta Santos (2010, p. 45), Wertham deixou claro no início de seu livro que sua cruzada era contra as revistas em quadrinhos, que poderiam ser adquiridas por preços módicos por qualquer criança. O psiquiatra nunca se preocupou com as tiras de jornais pois, segundo ele, crianças não compram jornais.

188

Wertham e o macarthismo

É importante deixar claro que o livro de Wertham saiu nos EUA em 1954, não por acaso, o momento de maior celebração do macarthismo. Como já dissemos, a caça às bruxas nos EUA estava em seu ápice neste ano, e *Seduction of the innocent* foi peça fundamental neste processo quando falamos sobre quadrinhos. Devemos salientar que, naquele momento, 90% das crianças e adolescentes estadunidenses liam histórias em quadrinhos (JONES, 2006, p. 335). A televisão, apesar de estar prosperando de maneira quase exponencial, ainda não tinha a mesma força que teria alguns anos mais tarde.

O sentimento de perseguição e paranoia na sociedade americana fez um duplo favor ao livro de Wertham. Ao mesmo tempo que alertava para algo insidioso que os pais não estavam vendo, também contribuía para que a crítica acerca dos exemplos simplesmente fosse ignorada.

Não é necessário se debruçar sobre os escritos do psiquiatra, como Tilley (2012) brilhantemente fez, para perceber que a maioria dos exemplos eram totalmente tirados do contexto da história e exibidos de forma a construir uma história que não era a contada pelos profissionais das histórias em quadrinhos. Mas isso pouco importava nos Estados Unidos de 1954. Naquele período, como já dissemos, a sociedade estadunidense estava de tal forma tomada pela ilusão de um perigo vermelho e pelo perigo de forças insidiosas que bastava uma breve chama para causar um incêndio.

A preocupação com as crianças, que supostamente seriam as pessoas mais vulneráveis ao ataque comunista, como já disse o próprio senador Joseph McCarthy ao debater a literatura que era adequada aos cidadãos daquele país, tinha em Wertham talvez seu maior expoente àquela altura. Ainda que diversas autoridades tenham alertado a respeito das histórias em quadrinhos, nenhuma delas fez com tamanha virulência e ênfase em exemplos tão pérfidos.

O livro e as declarações no senado norte-americano mostram um *modus operandi* de uma parcela da sociedade norte-americana, que se preocupava mais com o sensacionalismo do que com a seriedade das acusações. McCarthy, Wertham e todos seus correligionários não apelavam à sensatez das pessoas, mas sim ao medo. A ameaça da invasão comunista ou da deturpação dos jovens por meio dos quadrinhos era uma ilusão, mas tornou-se real na sociedade. E, com isso, a censura foi instalada. Entretanto, como já avisou Foucault (1987), o poder e a censura são instrumentos poderosíssimos da manutenção do *status quo*. A intervenção do senado norte-americano atuou fortemente no mercado, ajudando a privilegiar uma editora, tornando-a muito mais lucrativa e a jogar muitas outras para fora do negócio dos quadrinhos, ou até mesmo levando-as à falência.

Ainda que seu livro tenha sido um *best-seller*, sua conta bancária tenha aumentado exponencialmente e sua notoriedade tenha atingido altos índices, a ponto de ser reconhecido na rua e participar de inúmeros debates na incipiente televisão, Wertham nunca conseguiu atingir seu intento, como já dissemos.

Wertham terminou sua carreira como professor de psiquiatria na New York University, psiquiatra sênior do departamento de hospitais da cidade de Nova York e diretor da clínica de higiene mental do Bellevue Hospital Center, sem nunca conseguir banir ou mesmo diminuir a influência dos quadrinhos de super-heróis. Ao contrário, por meio de sua atuação, esse gênero cresceu mais e mais, uma vez que boa parte da concorrência foi dizimada com a ajuda de suas ações.

O livro e as ações de Wertham simplesmente estavam no lugar certo e na hora certa para se firmarem na mentalidade norte-americana dos anos 1950. Analisando com a perspectiva da distância geográfica e temporal, podemos afirmar que Fredric Wertham foi malsucedido em sua cruzada, que só foi tão longe porque a paranoia estadunidense estava em seu ápice. Seu real inimigo prosperou, suas ideias foram percebidas como descabidas pouco tempo depois e a integridade de seu trabalho foi destruída.

Considerações finais

Ao final deste artigo, podemos destacar que o macarthismo foi muito danoso à sociedade norte-americana, ao mesmo tempo que as ideias e o livro de Fredric Wertham também o foram. Graças ao trabalho de Wertham e à manobra da DC Comics, poucos foram os gêneros de histórias em quadrinhos que prosperaram nos EUA até a chegada dos *comix* de Crumb. Os quadrinhos norte-americanos, até os dias atuais, são vistos como histórias de homens super fortes que resolvem todos seus problemas na base da violência, agindo como juízes, juris e executores.

As crianças não se jogaram das janelas por culpa do Superman ou têm sua sexualidade alterada por lerem a Mulher-Maravilha ou o Batman. Ao contrário, elas passaram a adorar mais e mais esses personagens que permanecem no imaginário não apenas estadunidense, mas mundial.

Acerca de novos trabalhos, gostaríamos de propor um estudo acerca da relação do *comics code* e a derrocada dos quadrinhos românticos nos EUA, estudo que escapa a este artigo.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Indústria Cultural e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, pp. 1–70, 2002.
- ANDRAE, T. **Carl Barks e os quadrinhos Disney**. São Paulo: Criativo, 2017.
- ARBEX JR., J. **Guerra Fria**. São Paulo: Moderna, 1997.
- ARON, R. **Paz e Guerra entre as Nações**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.
- BIANCHI, A. “Buckley Jr., Kirk e o renascimento do conservadorismo nos Estados Unidos”. Em: CRUZ, S. V. E; KAYSEL, A.; CODAS, G. (Eds.). **Direita, volver!** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015. pp. 247–260.
- CAMPOS, R. DE. **HQ: Uma pequena história dos quadrinhos para uso das novas gerações**. São Paulo: Veneta, 2022.
- COMICS MAGAZINE ASSOCIATION OF AMERICA. **Comic book code of 1954**. 1954.
- CRIST, J.; WERTHAM, F. “Horror in the Nursery”. **Collier’s Magazine**, pp. 22, 27 mar. 1948.
- FERREIRA, A. **Caça às Bruxas: macarthismo, uma tragédia americana**. Porto Alegre: L&PM, 1989.
- FICHOU, J.-P. **A civilização americana**. Campinas: Papirus, 1990.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HIRSCH, P. S. **Pulp Empire: The Secret History of Comic Book Imperialism**. Chicago: University of Chicago Press, 2021.
- HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos - Eric Hobsbawn.pdf**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JONES, G. **Homens do Amanhã**. São Paulo: Conrad, 2006.
- JUNIOR, G. **A Guerra dos Gibis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- LEICK, K. Comics. Em: **Parents, Media and Panic through the Years**. Cham: Springer International Publishing, 2019. pp. 29–39.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- NYBERG, A. K. “William Gaines and the battle over EC Comics”. Em: HEER, J.; WORCESTER, K. (Eds.). **A comics studies reader**. Jackson: University Press of Mississippi, 2009. pp. 58–68.
- PRZYWALNY, D. “Comic Books as the Modern American Mythology”. **Ad Americam. Journal of American Studies**, n. 15, pp. 117–128, 2014.

SANTOS, R. O. DOS. **Webcomics Malvados: tecnologia e interação nos quadrinhos de André Dahmer**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. UTFPR, Curitiba, Brasil, 2010.

SANTOS, R. O. DOS. “Medo, paranoia, macarthismo e o século XXI : usando o episódio 22 de além da imaginação em sala de aula”. **História: Questões & Debates**, v. 67, n. 1, pp. 283–307, 2019.

SILVA, L. H. F. DA. **O terror brasileiro: um olhar sobre uma tradição popular nos quadrinhos**. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2011.

TANAKA, E. K. I. “Censura e macarthismo em Force of Evil, de Abraham Polonsky. **Estudos Anglo-americanos**, v. 45, n. 2, pp. 291–311, 2016.

TILLEY, C. L. “*Seducing the Innocent*: Fredric Wertham and the Falsifications That Helped Condemn Comics”. **Information & Culture**, v. 47, n. 4, pp. 383–413, nov. 2012.

WERTHAM, F. **Seduction of the innocent**. Toronto: Clarke, Irwin & Company, 1954.